

CASAMENTOS PREMATUROS E GRAVIDEZES PRECOCES

Uma luta que supera crenças!

n ANA RITA TENE

A PREVENÇÃO e combate aos casamentos prematuros estão para além das denominações religiosas, orientações políticas, crenças tradicionais e até mesmo das diferenças culturais entre as pessoas de todas as regiões e grupos étnicos existentes.

FOTOS, ELÍDIO TEMBE



Unidas contra os casamentos prematuros

É por isso que nos próximos três anos, líderes religiosos, matronas, madrinhas dos ritos de iniciação, organizações da sociedade civil e governo vão se juntar para difundir mensagens de sensibilização

com objectivo de pôr termo a estas violações dos direitos da criança.

O projecto pretende desenvolver actividades que sensibilizem e desencorajem a prática de casamentos prematuros nas comunidades, fenómeno que tem

desgraçado a vida das raparigas, suas famílias e a comunidade em geral.

Trata-se de uma iniciativa da esposa do Presidente da República, Isaura Ferrão Nyusi, que num primeiro plano será implementada e desenvolvida

nas províncias de Cabo Delgado, Niassa, Zambézia, Nampula e Manica, por sinal as que registam os maiores índices de casamentos prematuros.

Algumas práticas socioculturais ligadas à sexualidade, como os ritos de iniciação, de puri-

ficção, a herança da viúva, o pagamento de dívidas utilizando crianças bem como a poligamia continuam um entrave na luta pelos direitos da rapariga.

A primeira-dama da Zâmbia, Ester Lungu, defende que o combate e prevenção dos casa-

mentos prematuros e gravidezes precoces passam pelo empoderamento das suas famílias, situação que vai evitar que os pais coloquem-nas à venda em troca da riqueza.

“Precisamos de devolver a nossa rapariga à escola. A provisão de hospitais para saúde rural, inclusão da criança com deficiência física e mental, a provisão de água potável para o consumo são algumas acções em prol do empoderamento da rapariga”, disse Lungu.

Ester Lungu explicou que o empoderamento da mulher também pode ser uma das saídas para o combate à pobreza, pois ao empoderar uma mulher estar-se-ia a empoderar uma família, o que ia evitar a venda de raparigas a homens com alguma estabilidade financeira.



Algumas práticas tradicionais precisam de ser revistas

É preciso mudar certas práticas tradicionais

AS cerimónias tradicionais, as práticas costumeiras e as mensagens difundidas nos ritos de iniciação não estão na mesma linha de orientação com as estratégias nacionais para prevenção dos problemas que perigam a vida da rapariga e dos adolescentes.

Além disso, alguns ensinamentos sobre sexualidade que são ministrados pelas matronas ou madrinhas durante os ritos de iniciação concorrem para o início antecipado das relações sexuais.

Segundo Felisbela Gaspar, directora do Instituto de Medicina Tradicional no Ministério da Saúde, a intervenção comunitária com apoio dos líderes tradicionais deve ser parte integrante para implementação dos programas visando a erradicação dos males contra a mulher.

ções para melhorar as estratégias de prevenção, uma vez que estes factores são parte importante, senão os principais determinantes para mudança de comportamentos de risco”, disse.

A fonte defende que apesar de o envolvimento das lideranças tradicionais, religiosas e a sociedade civil no geral na solução destes problemas ser notório, é necessário aumentar os esforços para um resultado satisfatório.

“Ainda não temos sido abrangentes na inclusão massiva destes grupos. Estas intervenções devem ser acompanhadas de respostas orientadas a todos os níveis, desde educação, saúde, justiça, juventude e género. A coordenação das actividades deverá ser mais estreitada entre os vários intervenientes”, defendeu a directora.

tuais, como o caso da purificação vulgo kutchinga ou pita-kufa, não respeitam a vontade da mulher e estão associados ao crescimento do índice de infecção pelo HIV/Sida.

“A poligamia e o pagamento de dívidas, acto pelo qual se entregava uma rapariga a um provedor de medicina tradicional, são práticas reconhecidas pela comunidade, impostas pelas normas socioculturais e que reforçam a fragilidade da mulher, colocando-lhe, algumas vezes, em risco de vida”.

A interlocutora esclareceu ainda que o comportamento sexual continua a ser o principal alvo dos esforços de prevenção para muitos problemas de saúde ao nível mundial, ao mesmo tempo que muitas intervenções na área de prevenção têm sido

Fui submetida aos ritos muito cedo



– Felismina Jerónimo, jovem residente em Muidumbe

FELISMINA Jerónimo, natural e residente no distrito de Muidumbe, na província de Cabo Delgado, tinha apenas 12 anos de idade quando a sua mãe decidiu encaminhá-la aos ritos

ministrados nestas cerimónias.

Hoje, com um pouco mais de consciência, afirma que aquele não é lugar para uma criança pois as coisas que são ensinadas levam as meninas a desenvolver

Felismina disse ser normal na sua comunidade que as mães levem crianças menores de 10 anos para serem submetidas aos ritos de iniciação e são elas que pagam às matronas para

Fui submetida aos ritos muito cedo



Fui aos ritos de iniciação muito cedo - Felismina Jerónimo

– Felismina Jerónimo, jovem residente em Muidumbe

FELISMINA Jerónimo, natural e residente no distrito de Muidumbe, na província de Cabo Delgado, tinha apenas 12 anos de idade quando a sua mãe decidiu encaminhá-la aos ritos de iniciação, antes mesmo do aparecimento da primeira menstruação.

A mãe de Felismina, entretanto hoje já com 19 anos, pensava que aquele era o melhor momento para preparar a sua filha a fim de entrar na fase adulta. Mesmo sem entender e poder reclamar, a jovem aceitou participar e receber os ensinamentos que são

ministrados nestas cerimónias.

Hoje, com um pouco mais de consciência, afirma que aquele não é lugar para uma criança pois as coisas que são ensinadas levam as meninas a desenvolverem a curiosidade de experimentar o que aprendem, através das matronas e madrinhas dos ritos.

“Não podemos aceitar que as meninas sejam submetidas aos ritos antes da puberdade. As coisas que se ensinam não são para a sua idade. Isto empurra-las para os casamentos prematuros e gravidezes precoces e a culpa é dos pais”, afirmou.

Felismina disse ser normal na sua comunidade que as mães levem crianças menores de 10 anos para serem submetidas aos ritos de iniciação e são elas que pagam às matronas para que recebam instruções sobre o sexo, desde cedo.

“Por vezes tentamos chamar atenção às mães para este mal, mas elas se recusam alegando saber o que é melhor para as suas filhas. É uma situação deplorável e precisamos da intervenção de quem é de direito para parar estas práticas”, acrescentou.

Existem diferenças no crescimento da rapariga



Os pais devem apostar na educação da rapariga

Na altura em que crescemos, muitas de nós víamos a primeira menstruação aos 17 anos de idade, que é o momento em que a mulher já está melhor preparada para gerir uma gravidez”, disse.

Além disso, a rainha entende que diversos factores têm influenciado a tomada de decisão das mães que decidem submeter as suas filhas aos ritos de iniciação, principalmente quando se percebe que estas já iniciaram a actividade sexual.

“Nós temos visto casos de meninas que começam a namorar antes dos 15 anos e não por culpa dos pais. Agora mesmo tem uma rapariga a morar em minha casa e que não quer saber de estudar. Fizemos de tudo para convencê-la a voltar à casa dos pais, mas não quer”, lamentou Maria.

No que diz respeito ao papel dos líderes comunitários na prevenção destas práticas, a rainha explicou que a liderança local tem estado a consciencializar os pais sobre a necessidade de apostar na educação da rapariga para que possam ter um futuro brilhante.

“Nós temos prestado atenção àquelas famílias que correm para entregar as suas filhas e fazemo-las perceber que a única forma de enriquecer é deixar as meninas crescerem e se formarem para ter um bom emprego”, acrescentou.

“Precisamos perceber que há diferenças no crescimento entre as raparigas de hoje e de ontem.

UM dos factores que concorrem para os casamentos prematuros é a rapidez de crescimento que as raparigas actuais têm sido alvo, que levam-nas a ver o período menstrual mais cedo.

A situação, segundo Maria Sadaka, Rainha da localidade de Ngonane, em Cabo Delgado, tem



É importante empoderar as famílias

A pobreza não pode justificar estas práticas

A POBREZA não poder ser usada como justificativo para a promoção dos casamentos prematuros e gravidezes precoces, daí que acções devem ser levadas a cabo para a defesa dos direitos da rapariga, defende a esposa do governador de Manica, Alcinda Abreu.

“Temos vindo a trabalhar para o aumento da produção e produtividade agrícola e contribuir desta forma para o empoderamento das famílias. O projecto empodera as comunidades e devolve a dignidade das meninas e das suas famílias”, explicou Abreu.

Segundo a esposa do governador da província de Manica, estas acções pretendem mexer a mentalidade das famílias, das comunidades e das próprias raparigas para uma mudança de comportamento e adopção de medidas de prevenção deste mal.

“Somos sentinelas contra os casamentos prematuros e gravidezes precoces. Todos nós temos um papel importante da promoção dos direitos da rapariga e prevenção das práticas que periguem os seus direitos”, concluiu.

Já a estudante e membro do parlamento infantil em Tete, Rosa Azelite, defende que tudo deve ser feito para que as meninas não abandonem a escola e que os pais tenham consciência de que a riqueza não pode ser conseguida pela venda das suas filhas, mas sim através da formação profissional.

“Eu fico feliz porque a minha mãe acredita que o facto de ela não ter estudado não lhe dá direito de não apostar na minha formação. Ela sempre diz para mim, estude que um dia vais te tornar alguém e vais dar melhores condições de vida a mim e aos teus irmãos”, afirmou.

Além disso, alguns ensinamentos sobre sexualidade que são ministrados pelas matronas ou madrinhas durante os ritos de iniciação concorrem para o início antecipado das relações sexuais.

Segundo Felisbela Gaspar, directora do Instituto de Medicina Tradicional no Ministério da Saúde, a intervenção comunitária com apoio dos líderes tradicionais deve ser parte integrante para implementação dos programas visando a erradicação dos males contra a mulher.

“Estudos mostram que recentemente factores socioculturais à volta do indivíduo devem fazer parte do desenho das interven-

ções tradicionais, religiosas e a sociedade civil no geral na solução destes problemas ser notório, é necessário aumentar os esforços para um resultado satisfatório.

“Ainda não temos sido abrangentes na inclusão massiva destes grupos. Estas intervenções devem ser acompanhadas de respostas orientadas a todos os níveis, desde educação, saúde, justiça, juventude e género. A coordenação das actividades deverá ser mais estreitada entre os vários intervenientes”, defendeu a directora.

Falando sobre algumas práticas que perigam a saúde da rapariga e da mulher, Felisbela Gaspar referiu que muitos dos ri-

uma rapariga a um provedor de medicina tradicional, são práticas reconhecidas pela comunidade, impostas pelas normas socioculturais e que reforçam a fragilidade da mulher, colocando-lhe, algumas vezes, em risco de vida”.

A interlocutora esclareceu ainda que o comportamento sexual continua a ser o principal alvo dos esforços de prevenção para muitos problemas de saúde ao nível mundial, ao mesmo tempo que muitas intervenções na área de prevenção têm sido relacionadas com a informação sobre a transmissão, prevenção e fornecimento de habilidades às pessoas, para reduzir o seu risco.

VIDA SAUDÁVEL

As propriedades da laranja

A LARANJA é uma fruta rica em vitaminas (A, C, E e P), sais minerais (ferro, cálcio, potássio, fósforo, enxofre, magnésio e cloro), ácido cítrico, ácidos gordos, acetato de linalina, bioflavonóides, carboidratos, caroteno, cerantina, limoneno, pectinas, proteínas e fibras.

Esta fruta contém propriedades anti-espasmódico, alcanizante, anti-ártrica, anti-inflamatória, anti-depressiva, diurética, calmante, estimulante, laxante e relaxante.

Segundo o Ministério da Saúde, a laranja é indicada para parasitoses intestinais, conjuntivite, diarreia, dores de cabeça, infecções orais (na boca), stress, distúrbios intestinais (dores do estômago, arrotos e digestão lenta). É ainda indicada a palpitações cardíacas, cólicas menstruais, nervosismo, irritabilidade e quadros depressivos.

Para casos de flatulência, por exemplo, usa-se o litro (quatro copos) de água a ferver, junta-se a metade. Tapa-se a panela, deixa-se repousar por 5 a 10 minutos e filtra-se. Recomenda-se o consumo de chávena, quando necessário.

Para quem quer aliviar parasitas intestinais aconselha-se a preparar uma decoção com oito a 18 folhas jovens em meio litro de água. Ferva

por um mínimo de 10 minutos em recipiente tapado. Adiciona-se mel e bebe-se uma chávena duas vezes ao dia.

Sumo de laranja e couve

A laranja pode ser usada para diversos fins no dia-a-dia. O livro Plantas Alimentares e Medicináveis em Moçambique lançado recentemente pelo Ministério da Saúde sugere a receita de sumo de laranja, cenoura e couve. Para tal precisa de:

- 2 folhas grandes de couve
- 1 laranja
- ½ cenoura (metade de uma cenoura)
- 100 ml de água
- 2 cubos de gelo (se tiver).

Modo de preparar

Bata todos os ingredientes no liquidificador, coe e beba em seguida.

Atenção: Se não tiver liquidificador, pise a couve e a cenoura cruas até ficarem em papas. Ao pilar a couve e a cenoura estas vão libertar muito líquido. Reserve-o. Depois de bem moídos, volte a misturar a pasta formada e adicione o sumo de laranja e a água.

Bom apetite!

